

ONTOLOGIA DA GENEALOGIA REGIONAL: CAMPO-CIDADE, RURAL-URBANO E AGRÁRIO-INDUSTRIAL

Ontology of regional genealogy: countryside-city, rural-urban and agrarian-industry

Jahan Natanael Domingos Lopes

Graduando em Geografia (Licenciatura/Bacharelado) pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
jahan_natanael@hotmail.com

Recebido: 22.01.2023

Aceito: 23.12.2023

Resumo

Ao caminho da ontologia, guia-se, através da fenomenologia e da dialética, à profusão da genealogia regional. Entre a entosfera (dos entes) e a ontosfera (dos seres), compreendem-se os fenômenos *campo* e *cidade* de modo ôntico e *rural* e *urbano* de modo ontológico. A dialética ente-ser convoca as coligações campo-rural e cidade-urbano. Segue-se à contradição ôntico-ontológica entre entes e seres: campo-cidade e rural-urbano. Desse modo, as ruralidades e as urbanidades abrem-se, ademais, em circularidades nadológicas, pela agrarização e pela industrialização (processos capitalistas): agrário-industrial. Com isso, os fenômenos entremetem-se: campo-rural-agrário e cidade-urbano-industrial. Dessarte, o estar-no-campo/ser-no-campo e o estar-na-cidade/ser-na-cidade versam no mundo circuntécnico a situarem em historicidade a existência geográfica. Abre-se, assim, um caminho existencial à compreensão dos fenômenos geográficos entre o existir e a existência e suas interrelações.

Palavras-chave: Pensamento geográfico, Geografia regional, Ontologia, Campo-cidade; Rural-urbano.

Abstract

On the path of ontology, one is guided, through phenomenology and dialectics, to the profusion of regional genealogy. Between the entosphere (of entities) and the ontosphere (of beings), the phenomena of field and city are understood in an ontic manner, and rural and urban in an ontological manner. The ente-ser dialectic summons the alliances of field-rural and city-urban. This leads to the ontic-ontological contradiction between entities and beings: field-city and rural-urban. In this way, ruralities and urbanities also open up into nadological circularities, through agrarianization and industrialization (capitalist processes): agrarian-industrial. Consequently, phenomena intermingle: field-rural-agrarian and city-urban-industrial. Thus, being-in-the-field/being-of-the-field and being-in-the-city/being-of-the-city pertain to the circumtechnical world, placing geographical existence in historicity. Thus, an existential path opens up for understanding geographical phenomena between existence and being, and their interrelationships.

Keywords: Geographical thought, Regional Geography, Ontology, Rural-Urban; Field-City.

1. INTRODUÇÃO

Quando hoje em dia se procura relacionar a verdadeira tendência fundamental da fenomenologia com a dialética é algo similar como se quisesse juntar fogo e água.
(Heidegger, 2013, p. 49)

O pensamento ontológico sonda o ente em suspensão de ser, isto é, versa o fenômeno à percepção. Em abertura mais singela, diz Heidegger (2013, p. 7): “‘Ontologia’ significa doutrina do ser”. O ser é, logo, sua percepção é em si mesma o ser aparente e percipiente, ao passo que “os termos ‘ontologia’ e ‘ontológico’ [...] eles significam: questionar e determinar dirigidos para o ser enquanto tal; que ser e de que modo, isso permanece totalmente indeterminado” (ibidem, p. 7). Cerceia-se à compreensão do ser em sua indicação; o ser deve, na fenomenologia do tido, ser determinado, “é disso que se trata nas ontologias, dos caracteres objetuais da região do ser correspondente. [...] O que assim se alcança serve de fio condutor ao problema da *constituição*, as conexões da gênese e a estrutura da *consciência de* objetualidades de um ou outro gênero” (ibidem, p. 8, destaques do autor). Através da ontologia, tem-se a totalidade fenomenológica, pela hermenêutica da facticidade, do ser regionalizado no mundo na regionalização de seu ser. Os entes são estruturados como factuais, aliás, constituem-se – além da própria estrutura – na totalidade fenomênica, em gradação expurgada: em si mesmo, em si, para si até o nada de si.

Entre o ente e o ser há uma relação de suspensão do si mesmo. O ente é a realidade sem mundo, é finito por excelência, conquanto o ser é um ente-intramundano à percepção, desse modo, é de concepção infinita, isto é: ente é “legítimo dentro de certos limites”, em finitude, outrossim ser “é o conceito mais universal”, em infinitude (Heidegger, 2015, p. 41). A abertura do fenômeno convoca o conhecimento, sendo-o permeado por relações e por contradições. Faz-se, por conseguinte, necessária a reflexão entre o ente e o ser enquanto faces do ente-ser que, nessa unidade, interpenetram-se com outras unidades em totalização.

Que fique assentado, ente-ser é a abertura situada, mas, no encontro da dialética, dever-se-á partir da genealogia do ôntico para o ontológico, afinal “para que ela seja possível, a dialética exige ver o todo do ente de uma maneira determinada de antemão, ou seja, que é possível anexar uma ordenação” (Heidegger, 2013, p. 64). A ação de ordenar os entes para configurar o ser de modo integrado – em relações e em contradições –, invoca à constituição do ser à perscruta dos fenômenos em sua

historicidade à geograficidade. Situar-se devem, portanto, os fenômenos em ordenação historiográfica em configuração existencial.

Por esse caminho, a faceta fenomenológica ocorre na investigação do fenômeno em sua manifestação do aparecer em si mesmo, para mais, a faceta dialética está nas correlações entre os fenômenos opostos. Contudo, a dialética entre fenômenos também habita sua internalidade individual, ora: “Na perspectiva heideggeriana, dialética nada mais é do que o contínuo diálogo entre ôntico e ontológico” (Pires, 2009, p. 191). Na supressão do ente pelo ser, tem-se sua oposição entre a percepção do aparente pelo ontológico e o percipiente do aparecer pelo ôntico.

Nisso, Heidegger (2015, p. 49) apresenta duas orientações: “primado ôntico: a presença é um ente determinado em seu ser pela existência. [...] primado ontológico: com base em sua determinação de existência, a presença é em si mesma ‘ontológica’”. Desse modo, encontra-se a dialética entre o existir pelo ente e da existência pelo ser; malgrado a preocupação, para o autor, seja com o indicativo de experiência *Dasein*, a ontologia permite abertura de qualquer suspensão de ente em ser. Disso, urge “um terceiro primado, que é a condição ôntico-ontológica da possibilidade de todas as ontologias” (Heidegger, p. 49). É, pois, nesse convite às determinações a serem perscrutadas em ordenação que se visa a uma ontologia aqui específica na perspectiva das relações e das contradições: a genealogia regional.

Há mais a ser delimitado. Em discussão, a região é um todo que é parte e uma parte que é todo, ademais: “A noção de região como parte de um todo impõe que se compreenda o que em cada momento, segundo cada cultura ou civilização, era entendido como mundo” (Lencione, 1999, p. 23). Com isso, afere-se à internalidade do conceito experienciado por uma trama de lugares, em tendência à expansão, à qual corresponde o espaço vivido: “A região [...] na organização do espaço-tempo vivido, constitui um invólucro essencial antes do acesso a entidades muito mais abstratas, muito mais desconcertantes em relação ao hábito” (Frémont, 1980, p. 167-168). Contemplam-se teses complementares, uma, sobre a região enquanto totalidade na dialética entre o social vivido e o vivido social e outra, penetrante no vivido de modo a orientar as fenomênicas da espacialidade e da temporalidade abertas no conjunto de relações entre os lugares e propriamente por eles.

A história do pensamento acerca da região é complexa em um embate desde sua prospecção mental pura até o fundamento no real puro (Corrêa, 1986). Pendula-se, inclusive, um percurso frente às escolas e aos seus respectivos enfoques: determinista

(região natural), possibilista (região histórica), ativa (região produtiva), crítica (região econômica), humanista (região vivida) etc. De tantas predicções possíveis e acumuladas, relembram-se as mais famosas, com R. Hartshorne (1978): a região homogênea (formal) e a polarizada (funcional), focando-se a primeira, no estático e a segunda, no movimento. Sobre isso, encontra-se, dentre as regiões+predicação, uma possível confusão entre o que é a região do predicado (ser-da-região) e o predicado da região (região-do-ser). No desvelar, compõe-se a ontologia dialética regional em circularidade.

Na trama em discussão, transpõem-se dois fenômenos a serem compreendidos em suas dialéticas interna (pela fenomenologia do ente-ser) e externa (pela dialética do ente-ser e outro ente-ser): o campo e a cidade. Outrossim, parte-se dos entes (campo e cidade) rumo à ordenação de seus seres (rural e urbano). Nessa abertura, a relação não é obtusa: “O urbano é frequentemente o abstrato, o geral, o externo. A cidade é o particular, o concreto, o interno. Não há que confundir” (Santos, 1994, p. 34). Logo, também, há o paralelo entre o rural e o campo. De modo ôntico-ontológico, obtêm-se aberturas ônticas (campo e cidade), entosféricas, da realidade e aberturas ontológicas (rural e urbano), ontosféricas, da mundanidade.

O ser-da-região citadina é o urbano, assim como o ser-da-região campestre é o rural; ainda, a região-do-ser urbano transforma-se com o industrial, enquanto a região-do-ser rural transforma-se com o agrário. Em historicidade: “Logo a indústria transpõe para o plano mundial essa diferenciação cidade-campo, criando uma relação que vai antepor países industrializados e países agrários” (Moreira, 2007, p. 51). Disso, imputa-se a imposição entre o *ente-ser cidade-urbano* e o *industrial* e entre o *ente-ser campo-rural* e o *agrário*, isso ao passo da dialética, inclusive, entre o agrário e o industrial.

Encaminha-se, tão logo, aos seguintes determinados fenômenos dialético-geográficos: campo-cidade, rural-urbano e agrário-industrial. Tecer-se-á uma configuração da interconexão ôntico-ontológica, defronte à genealogia geográfica, ordenada em relações e em contradições. Isto é, em dialética fenomenológica ente-ser (campo-rural e cidade-urbano) e dialética entre entes e seres (campo-cidade e rural-urbano). Além disso, incrustar-se-á a nadidade ente-ser-nada (agrário e industrial). Contempla-se, pois, à compreensão da totalidade geográfica: Terra (ente, ôntico, realidade, entosfera), Mundo (ser, ontológico, mundanidade, ontosfera) e Universo (nada, ôntico-ontológico, nadidade, nadosfera) (Lopes, 2021a). Guia-se, por fim, para a genealogia geográfica das regiões através da perspectiva geoexistencial.

2. FENOMENOLOGIA GEOGRÁFICA: ENTE-SER EM TERRA-MUNDO

É certo que a fenomenologia está no nível do conhecimento científico – caso seja considerada a partir da dialética.

(Heidegger, 2013, p. 51)

Pois bem, conduz-se, primeiro, a pensar nas aberturas das entidades geográficas: campo e cidade. Ao passo de Williams (2011, p. 475): “no campo e na cidade, fisicamente presentes e substanciais, a experiência encontra um material que corporifica os pensamentos” Por mais, segundo a etimologia: “*city* já se tornara termo normalmente usados para designar uma cidade grande, embora se originasse de *civitas*, que por sua vez vinha de *civis* (cidadão, no sentido de cidadão de uma nação. O significado original de *civitas* era ‘comunidade’” (Williams, p. 499), ainda: “*country* (campo, país) vem do termo latino *contra*, e seu sentido original é o de uma terra que se estende contra o observador, defronte dele. No século XIII ela assumiu suas acepções modernas de extensão de terreno ou região, e de terra ou nação” (ibidem, p. 499). Nisso, há base de compreensão da realidade percebida, ambas as entidades estão abertas pela nação, embora haja ligação dialética entre a cidade pela concentração populacional e o campo pela dispersão populacional.

A diferença entre campo e cidade advém *a posteriori* à regionalidade. São regiões, são lugares tramados em vivência, são as pessoas em relações espaciais, porém, enfocam-se no campo, a marca da agricultura e na cidade, a marca da política. Isso como ênfase, conquanto ambas entrelacem essas características. São, de modo primeiro, categorias espaciais, mas que se tornam conceitos de espacialidade conforme a existencialidade: espaço rural e espaço urbano. Por isso, fala-se em ruralidade e em urbanidade, a saber, o modo de ser rural e o modo de ser urbano, transcendendo o citadino e o campestre, imanência ôntica da corporalidade. A entosfera (Terra) orienta a realidade terrena que, habitada pelo ser humano, é transformada, pela dialética, em ontosfera (Mundo) orientada pela mundanidade dos seres. Ou seja, o campo e a cidade são realidades, enquanto o rural e o urbano são mundanidades.

Nessa habitação da Terra em Mundo, abre-se a infraestrutura à superestrutura mediante a estruturação da historicidade das nações conteudando os conceitos de campo e de cidade. Dessarte, permeia-se: “A agricultura de certas regiões africanas ou sul-americanas mal ultrapassou as técnicas do Neolítico. Entre os campos e as cidades de muitos países, as diferenças de modos de existência, de rendas, de mentalidades, são ainda sensíveis” (George, S/D, p. 208). As entidades geográficas exigem ser pensadas no

tempo geográfico, duplamente: sincro-diacrônico, haja vista que as diacronias se fazem sincrônicas entre si, e sistêmico-serial, mutuamente sistemas (integrações de modo de ser total, totalidade) ontológicos, distintos destes, em séries (somadas de modo de ser todo, totalidade) ônticas (Lopes, 2021b). Assim, a genealogia regional requer uma perspectiva espacial e temporal interligando as particularidades/parcialidades e as totalidades/todidades em circularidade dialética.

Sobre a questão técnica, como transformação da Natureza, transpassando tanto o campo quanto a cidade, abre-se, circundados pela técnica, um mundo circuntécnico. Ambos, campo e cidade, enquanto espaços (ônticos), conduzem às paisagens técnicas, de enxadas a tratores, de carros a megaprédios, ou melhor, de agricultura de precisão à política global. De modo imperativo: “As diferenças de técnicas, aumentando brutalmente no curso do último século, agravaram as desigualdades entre as coletividades humanas” (George, S/D, p. 208). Haja vista o mundo circuntécnico variar as paisagens das espacialidades, sobretudo o espaço rural e o espaço urbano (atualmente, inclusive, o espaço sideral). A desigualdade técnica é fundante das diferenciações ônticas e, tão logo, ontológicas.

Pelo pensamento geográfico-existencial, têm-se a Terra como o ente e o Mundo como o ser, sendo abertos pela existência geográfica: criando e produzindo, deslocando e pertencendo. Pois bem, da geografização humana, configura-se que: “A divisão territorial do trabalho é o esqueleto de toda essa nova arrumação do espaço. Antes de tudo, separa-se campo e cidade por sua diferença funcional. Doravante campo é sinônimo de agricultura e pecuária. E cidade é sinônimo de indústria e serviços” (Moreira, 2007, p. 51). Pensar-se deve na humanização do espaço natural: temporalizam-se a humanidade e a naturalidade pela espacialidade dos seres a partir dos entes; o Espaço é Ente (Terra) e o Tempo é o Ser (Mundo). Introjeta-se, pois, o Mundo pela fusão dos mundos em momentos sincro-diacrônicos, irrompendo-se os meios da Natureza como humanos. Em relação-contradição do espaço natural com o espaço humano: “É nesse meio que se vêm implantar, no campo como na cidade, as produções materiais ou imateriais características da época” (Santos, 1994, p. 25). A historicidade social, que pensa (em criação) e trabalha (em produção) a Natureza em natureza transformada, muda com a temporalidade espacial e com a espacialidade temporal.

Caminha-se, em retorno à projeção, a pensar na etimologia como primeira abertura conceitual para o urbano e o rural. Conforme R. Williams (2011), da palavra *urbano*: “Em anglo-saxão, tornou-se sinônimo de *burh*, e nesse sentido era mais empregado do que

urbs [...]. Em inglês médio, a palavra tornou-se mais comum, e no reinado de Henrique VIII passou a ser equivalente à sede de uma catedral, acepção que depois caiu em desuso” (ibidem, p. 499), inclusive “*urbane* (urbano) surge no século XVI como termo puramente descritivo, porém vai adquirindo conotações sociais posteriormente, a partir do início do século XVII” (p. 500); enquanto a palavra *rural*: “*Rural* (rural) e *rustic* (rústico) surgem como termos descritivos no século XV, mas ganham conotações sociais, principalmente nas formas *rustic* e *rusticity* (rusticidade), no final do século XVI” (ibidem, p. 499). Disso, encontra-se uma centelha que de termos descritivos caminham historicamente à compreensão da configuração social e, sobretudo, ao enfoque ontológico do campestre e do citadino.

Desse modo, campo-contra e rural-rústico, assim como cidade-civil e urbano-urbe, deparam-se com um percurso originário à percepção ôntico-ontológica. Ao prosseguimento, guia-se o sentido da história humana: “É um processo natural, no qual o homem não se separa da natureza e dentro do qual cresce como um *ente* dessa natureza. Mas é o processo de um *ser* que luta contra a natureza e conquista [...] graus cada vez mais elevados de pujança e de consciência” (Lefebvre, 2019, p. 46, destaques nosso). Logo, o ente-ser humano elabora-se em projeção no mundo, concebendo-se na supressão da Natureza, em um conluio, ou melhor, em uma circularidade dialética. Com isso, compreende-se, nessa concepção: “a vida dos campos e das cidades são dois estados igualmente conformes à natureza: são naturais e necessários” (Khalidun, 1958, p. 205). São naturais na medida de serem processos espaciais (ônticos), os quais transpõem-se em processos temporais (ontológicos), chegando à formulação espaço-tempo (ôntico-ontológico) universal.

Amplia-se a questão da cidade ao urbano, haja vista que, embora ôntica, a cidade não é somente o molde adaptado ao ser humano, ela é também a entidade humana, mas suspende-se em urbano. Isso ao que: “Existe uma linguagem de mente – [...] do corpo –, e existe essa linguagem universal pressuposta. Entre elas, enquanto coisas, enquanto signos, enquanto matéria, enquanto agentes, ficam as cidades grandes e médias e as aldeias: sociedades humanas concretas” (Williams, 2011, p. 405). A entidade citadina – tal como a campestre – é concreta, entretanto, é na linguagem entre o indivíduo e o coletivo que as possibilidades vêm a ser o ser: urbano. Dá-se, tal concretude, em escalaridade de abertura sincro-diacrônica de sistêmica-serial.

Ao caminho do campo ao rural, rege-se, mais uma vez, a ontologia humana rente à situação ôntica do campo tido como ente. Dessarte, acerca das paisagens: “Cada

civilização adota uma imagem peculiar do quadro que lhe parece ideal para a vida cotidiana. Afirma-se que o cidadão é um nostálgico da vida campestre [...], o que leva a criar em torno de sua residência um cenário capaz de lhe recordar o campo” (George, 1973, p. 29). Nisso, desvela-se pensar na vivência do campo em sua abertura, sua nostalgia: o rural. Entrementes está a configuração rural no imaginário natural do ser humano. Por conseguinte, o campo, em sua perspectiva do bucólico ao aferro, faz-se presente na vida humana do entorno da casa (como hortas e jardins) ao entorno da cidade (como cinturões verdes).

Entre campo e cidade há interrelações importantes. Parte-se de que “o ente geográfico da transição por excelência é o caráter dinâmico da cidade” (Moreira, 2007, p. 98). A entosfera (Terra) é dinâmica e, sobretudo, abre a ontosfera (Mundo) pela linguagem da circularidade da existência geográfica: o ser-no-mundo e o mundo-no-ser (Lopes, 2021a). No prumo de compreender a relação entre o campo e a cidade, segue-se a seguinte historicidade:

A cultura rural, então, recua em todos os cantos diante do avanço da cultura urbana. E o próprio campo se torna urbano com o tempo. Três fases distinguem nesse processo que torna o mundo inteiro uma civilização urbana: na primeira, a cidade se separa do campo; na segunda, a cidade se torna o grande polo da concentração populacional; por fim, na terceira, a cidade invade e urbaniza o campo com sua cultura. (Moreira, 2007, p. 95).

Nesse caminho, entendem-se as permeações existentes, dialéticas, contraditórias, mas interpenetrantes em transformações, ainda que de forças desiguais (o rural suspendendo-se pelo urbano). Compreende-se, pois, que a região-do-ser, tanto do campo quanto da cidade, faz-se próxima em espacialidade interpenetrante, em relações concretas – periurbano, urbano, extra-urbano; perirural, rural, extra-rural –, outrossim o ser-da-região, tanto do rural quanto do urbano, transforma-se em aspectos das entidades geográfico-regionais pela introjeção mútua de ideologias e de técnicas.

Assim, as regiões do campo e a da cidade são entes, são espaços, logo, admitem a compreensão geográfica; sendo-as abertas na suspensão de serem-seres-sendo tempos, compreendidas de modo geográfico-existencial. Em suma, são regiões que, inclusive, advogam lugaridade e territorialidade. Isto é, abrem fenômenos que se expressam de modo regional (parte de um todo), mas constroem o existir à existência, pelo modo de ser lugar e, inclusive, a complexidade sociopolítica e sociocultural, pelo modo de ser territorial. Admite-se, pois, uma “constelação de conceitos” (Haesbaert, 2018, p. 178).

Permeia-se, então, a pensar nos fenômenos do vivido e do vivo dos fenômenos, em expressões da unidade à multiplicidade.

Há mais. É-se adequado tramitar entre a região na compreensão: “não simplesmente como um ‘fato’ (concreto), um ‘artifício’ (teórico) ou um instrumento de ação, mas da região como ‘artefato’” (Haesbaert, 2018, p. 109). Isso porque nem apenas no horizonte mental e nem apenas no horizonte real há a noção de região, mas existe complementariedade como artefato de virtuosidade circular. Nem ser, nem ente, ente-ser. A inteiridade ôntico-ontológica concebe a cidade-urbano e o campo-rural, eis a fenomenologia ente-ser de genealogia dialética. Dos fatos aos artifícios, perpassa-se do ente ao ser, do percipiente à percepção, da realidade ao mundano e, por resolutivo, da entosfera à ontosfera.

Chega-se, tão logo, na dialética interna à fenomenologia ente-ser, da cidade e do campo. Desse modo, diz-se interna enquanto questão fenomênica nela mesma transpassada pela compreensão em dialética: campo-rural e cidade-urbano; sendo-os em historicidade – através da agrarização e da industrialização – transformados pelos ditames dos fenômenos agrário e industrial. Nesse caminho, tecer-se-á uma outra questão a ser aprofundada a até aqui configurada, rumo à completude da genealogia regional em sua dinâmica, pela circularidade dialética, a partir da nadidade alicerçada nos fenômenos, na perspectiva sintético-analítica, situados.

3. DIALÉTICAS GEOGRÁFICAS: ENTE-SER E ENTE-SER

A questão da relação entre dialética e fenomenologia deve ser decidida tendo em vista a objetualidade da filosofia, ou mais precisamente no que diz respeito à tarefa fundamental de configurar concretamente a questão a respeito da objetualidade e a maneira pela qual se decide desenvolver a questão.

(Heidegger, 2013, p. 54)

Contra pairar na superficialidade de considerarem-se os opostos e, elevando-os à finalidade científica, perder-se a percepção do vivido, da realidade em movimento e, sobretudo, da fusão entre a permeação do que é dialetizado segue-se este trabalho. Nisso, convém a crítica: “É necessário pensar na charlatanice a que hoje em dia tanta afeição se dá, na base de esquemas como: forma-conteúdo, racional-irracional, finito-infinito, mediado-não mediado, sujeito-objeto” (Heidegger, 2013, p. 53). Isto é, ao se pensar apenas em campo-cidade, esquece-se do já ditos cidade-urbano e campo-rural, ademais, ao fixar a oposição, escapam-se as noções de George (S/D): “cidades agrárias” (ibidem, p. 79) e “cidade industrial” (ibidem, p. 81). Ou seja, há cidades tramadas pela

ruralidade e há campos tramados pela urbanidade, sendo essa interpenetração fenomenológica, embora encontre na dialética uma fundamentação que irrompe a monotonia de um fenômeno nele mesmo.

Há, de modo proeminente, uma crítica enfática de Heidegger (2013, p. 52) ao que: “A possível ênfase na riqueza de fenômenos da vida a que um sistema dialético procura oferecer contribui tão pouco, por exemplo, ao fazer que o caráter ontológico próprio da atitude dialética chegue a determinar-se de outra maneira”; outrossim: “de forma invertida, tal caráter ontológico, colocado diante da vida que se toma por objetualidade, fica ainda mais patente uma ‘tendência equivocada’” (Heidegger, 2013, p. 52). Nesse caminho, faz-se alusão a um ceticismo acerca da contribuição da dialética aos fenômenos da vida, porém, a possibilidade existe; mas em outra ontologia a que provém da noção ôntico-ontológica.

Em vista disso, a oposição dialética inverte a existência em existir, fechando-se a vivência. A solução aqui proposta é a fenomenologia do existir-existência através do ente-ser em dialética ôntico-ontológica para um retorno dialético à oposição entre um ente-ser e outro ente-ser. Espera-se, desta sorte, contribuir com a genealogia regional através da dupla dialética, interna e externa, dos fenômenos geográficos. Dessa maneira, negam-se as supressões das objetualidades pelos fenômenos da vida e dos fenômenos da vida pelas objetualidades, em prol de uma ontologia dialética visando às circularidades geofenômicas.

Ao caminho percorrido por George (S/D), contempla-se uma diferenciação entre o *homo faber* e o *homo farmer*, o primeiro permeado pelo industrial e o segundo, pelo agrário. Ambos sustentam fenômenos de vida, como ao campo o agrário tal que: “uma concepção absolutamente particular das relações entre o homem e a terra e da vida cotidiana do *farmer*. E, assim mesmo, é preciso recolocar essa paisagem rural e esse quadro de vida em seu tempo de criação para perceber-lhe toda a originalidade” (ibidem p. 55). Longe de situar um determinismo campo-cidade, mas modos de vida – complexificados pela técnica e pelas revoluções: agrária e industrial –, tece-se a distinção entre o *faber* das urbanidades e o *farmer* das ruralidades.

O campo e a cidade são coligações espaciais e suas fenomenologias são propulsoras dos processos de sedentarização e, sobretudo, de globalização. Abrem-se, inclusive, as ações de agrarização e de industrialização. Dessarte, entende-se que: “o *todo do ente* em suas diversas regiões e ao lado da consciência ocasional disso, ambas as coisas constituem uma unidade globalizadora” (Heidegger, 2013, p. 47, destaque do

autor). Difundem-se o campo e a cidade, globaliza-os, por intermédio do homem geográfico – *faber e farmer* – desenvolvendo o mundo circuntécnico, em sua intencional diferenciação regional, transformando as dinâmicas espaciais. Ainda a ser mais bem explicado, tem-se a Figura 1 enquanto preâmbulo da transformação ôntico-ontológica (campo-rural e cidade-urbano) pela relação agrário-industrial.

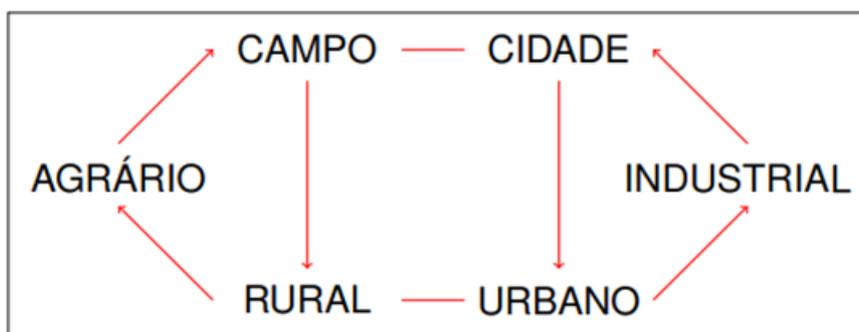


Figura 1 - Circularidade da genealogia regional.

Fonte: autor.

Há, nessa mundanidade de conversões circulares “confusão entre espaço industrial e espaço mineiro, como há confusão entre espaço industrial e espaço urbano, pois a indústria provoca o crescimento urbano e a presença da cidade atrai a indústria” (George, S/D, p. 108). A indústria afere o modo de ser cidadão, urbano, em uma nova urbanidade, essa industrial, que é transformada na revolução técnico-científica: “a segunda revolução industrial aprofunda a diferença funcional entre cidade e campo” (Moreira, 2007, p. 53). Desta maneira, a industrialização ordena a ontologia remodelando a cidade em sua intencionalidade e, então, reformulando o urbano. O industrial é universalidade ôntico-ontológica, uma nadidade, que é constituinte da dialética espiral entre cidade e urbano.

O urbano, portanto, torna-se ente do ser industrial, tal como o rural torna-se ente do ser agrário e assim por diante em circularidade. A ruralização e a urbanização são processos impulsionados de modo ôntico pela ontologia agrário-industrial. A ruralidade e a urbanidade são extra-suspensões irrompidas pela nadidade. Observa-se, nesse rumo, que a inferência se dá do agrário ao campestre e do industrial ao cidadão, transformando a orientação da mundanidade para a realidade. São sucessivas circularidades dialéticas entre fenômenos que avançam a dinâmica genealógica da regionalidade.

De outro modo, segue-se com J. Silva (1986, p. 11, destaque do autor) a seguinte distinção entre “a questão agrícola diz respeito aos aspectos ligados às mudanças na *produção em si mesma*: o que se produz, onde se produz e quanto se produz” e, ainda, ao que “a questão agrária está ligada às transformações nas *relações de produção*: como

se produz, de que forma se produz” (ibidem, p. 11, destaque do autor). Disso, tem-se a configuração da questão agrícola enquanto imbricação do campo e do rural e da questão agrária enquanto imbricação do rural e do agrário. Ao passo contemporâneo – de tamanho controle: ora oligopolista, ora monopsônico – abre-se o destaque “em pequenos capitalistas do ‘tipo farmer’” (ibidem, p. 59). Também, permeia-se pela questão agrária que: “A agricultura do futuro, tal como já se esboça hoje em algumas regiões do país, ser apenas mais um ramo da indústria” (ibidem, p. 65). Isso posto, estabelece-se uma ordenação do agrário na entrama do campo e do rural, além de sua ontologia dialética à indústria.

No contemplar a diferenciação, marca-se que: “o fenômeno urbano, enquanto outra *relação* espaço-tempo, *diferente da agrária ou da industrial*, requer que estabeleçamos suas dimensões, as quais revelam as propriedades ou qualidades topológicas” (Araújo, 2012, p. 137, destaques nossos). Com isso, as relações, inclusive dos fenômenos entre si, modificam-se em circularidade dialética. Cada unidade (ente-ser) interliga com as demais (ente-ser) em ciclos de totalização em retotalização espiralada. Por isso, “Aquele ciclo de inversão agrária em direção ao urbano, iniciado com o comércio se consolida agora com a indústria na cidade” (ibidem, p. 136). É, em vista disso, que as inferências, sempre coligadas (espaço-tempo), são admitidas em interrelações terrenas e mundanas.

Diz-se sobre trabalhadores *do* campo (trabalhador rural) e trabalhadores *da* cidade (trabalhador urbano) tal como sobre a vida rural e a vida urbana, isto é, comportam-se os conceitos em sua correlação existir-existência. Cerceia-se, tão logo que: “A esfera natural é crescentemente substituída por uma esfera técnica, na cidade e no campo” (Santos, 1994, p. 14). Malgrado a historicidade técnica seja virtuosa em pujança científica, verifica-se a transformação capitalista das regiões: “Diversifica-se a concorrência entre os usos rurais e os usos urbanos” (George, 1973, p. 31). Isso (aos usos) ao passo da própria imputação das dinâmicas capitalistas: agrárias e industriais. O agrário em agronegócio e a indústria em empresas são propulsões dos fenômenos interligados em transformação de circularidade dialética em espiral.

Acerca da industrialização, constata-se uma novidade em questão, a nadificação cidadina; segundo H. Lefebvre (2008, p. 83): “A indústria surgiu efetivamente como a ‘não-cidade’ e a ‘antacidade’. Ela se implantou ao sabor dos recursos que empregava em seu favor [...] ela atacou as cidades no sentido mais forte do termo, destruindo-as, dissolvendo-as”. É nesse sentido que há o conceito de implosão-explosão da cidade, em termos ontológicos: o ôntico aferra-se em implosão (ente) densificada para projetar uma

explosão (ser) de urbanização. Portanto, a indústria é nadológica nesse processo: “a cidade – sua negação pela industrialização – sua restituição a uma escala muito mais ampla do que outrora, a da sociedade inteira” (ibidem, p. 84). Concebe-se a coligação da nadificação com a abertura do ente-ser modificado em transformações circulares.

Dessarte, a indústria nega a cidade, assim como o agrário nega o campo, são transformações internas ao ser, haja vista que “se um nada pode existir, não é antes ou depois do ser, nem de modo geral, fora do ser, mas no bojo do ser, em seu coração, como um verme” (Sartre, 2015, p. 64). É nessa complexidade da ontologia cidade-campo (ôntica) e urbano-rural (ontológica) que se abre a nadidade agrário-industrial (ôntico-ontológica) em contradição entre fenômenos. Pensa-se, então, por essa nadidade prospectada que: “A oposição ‘urbanidade-ruralidade’ se acentua em lugar de desaparecer, enquanto a oposição cidade-campo se atenua” (Lefebvre, 2001, p. 69). Ou seja, a dialética, pois, não é apenas referência entre fenômenos, mas sua circularidade abre novos fenômenos, provenientes do nada que origina o ser.

A interligação entre os fenômenos em circularidade de transformação é a historicidade da mundanidade. Conforme Heidegger (2013, p. 75), ao aparecer: “Fenômeno designa um modo privilegiado de ser ou estar objetualizado”. Malgrado objetualiza-se o espaço, apropria-se, reinventa-o: “Trata do λόγος em sua função fundamental: descobrir e tomar conhecido o ente” (ibidem, p. 17). Com isso, constitui-se a existência geográfica na genealogia regional, da criação à produção, pensando e agindo para, na dádiva da consciência, ultrapassar a natureza e, de fato, ser humano. Outrossim, “é possível dizer que a dialética não suporta manter-se junto à objetualidade e deixar que seja ela que lhe proporcione a forma de apreendê-la e ainda quais são os limites dessa apreensibilidade”. (ibidem, 2013, p. 54). E está correto, a dialética é essa contradição que se transforma a partir do contraditório, do recuperar e do abandonar a objetualidade. Dito como crítica, faz-se a dialética na interligação dos fenômenos que permitem suas mútuas transformações, sem isso, pois, haveria fenômenos estáticos de fenomenologias determinadas, sem mutabilidades.

Há, ainda, uma distinção importante entre o estar e o ser (na indagação ente-ser), permitindo aferir a irradiação da existência geográfica no meio ambiente. Isto é, confere “a sensação do que exatamente significa estar-na-cidade e de que incrível conjunto de pequenos mitos, ritos, tabus, complexos positivos e negativos resulta nosso comportamento de habitantes da cidade” (Argan, 1995, 232). Mais, segue-se que “Ser-na-cidade envolve movimento. A expansão de nosso ser-no-mundo pela apropriação de

instrumentos pode ser exemplificada ao examinarmos a negociação entre a tecnologia e o corpo a partir dos vários modos de deslocamento pela cidade” (Wakiak, 2018, p. 12). Ao estar-na-cidade e ao ser-na-cidade, difere-se o ôntico do ontológico, a finitude da corporalidade à infinitude da consciência. Do mesmo modo pode-se dizer estar-no-campo e ser-no-campo, em concepção da espacialidade aberta na dialética entre ente e ser.

Com a experiência da espacialidade, aberta do corpo à consciência do circundante, instauram-se tanto o movimento na cidade quanto o movimento no campo, distintos, sobretudo, pela articulação do mundo circuntécnico. Adensa-se que: “O corpo em movimento na cidade, em suas estratégias de apropriação dos espaços urbanos, constitui uma experiência” (Serpa, 2017, p. 595). Pela estratégia sociopolítica, tem-se a territorialidade vivida imersa na hermenêutica da facticidade em regionalização vivida e da vida nas regionalizações. Diz-se tanto da cultura da região quanto da região cultural, tanto da economia da região quanto da região econômica etc. Ao princípio do artefato, circulam-se o ser-da-região e a região-do-ser.

Prosseguem-se aos fenômenos cidade-urbano-industrial e campo-rural-agrário interpenetrando-se, são formações socioeconômicas estabelecendo a abertura da dinâmica socioespacial. Nisso, a alienação é prodigiosa: “O homem vê o espaço nos objetos espaciais. Identifica seu cotidiano com eles. Mas não se vê com raiz neles. Vê-se especializado, mas não se compreende como espaço. Sente uma sensação de falta. Um vazio de pertencimento. Há um mal-estar” (Moreira, 2007, p. 141). Assume, por conseguinte, na historicidade da genealogia regional: “formas extremamente dramáticas, é este o jogo dialético das forças apanhadas num sistema físico capaz de provocar rupturas de barragens e o aniquilamento de regiões que, na véspera da catástrofe, pareciam oásis de prosperidade criados pela técnica do homem” (George, 1973, p. 73). Construção e destruição, tal como criação e produção, em sentidos espaciais, dão-se em questão ôntico-ontológica, com intermédio de fenômenos obtusos à vivência rumo à capitalização espacial. De modo sempre pertinente, atenta-se: “Ora, o espaço é essencialmente um ente social. Pelo que já se deu a entender, o espaço não é suporte, substrato ou receptáculo das ações humanas. E não se confunde com a base física” (Moreira, 2007 p. 64). Assim, a existência geográfica angustia-se no existir geográfico, haja vista que há uma ampliação do abismo dialético entre o ser e o ente.

Na sapiência da historicidade, encontra-se a regionalidade em sua organização de configurações transformadoras do espaço e do tempo, da Natureza e da Humanidade. Nesse sentido, ao circularem os fenômenos geográficos: “Nos tempos antigos, as

populações das grandes cidades eram constantemente renovadas pelo afluxo de gente vinda do campo. Hoje em dia, pelo contrário, um número cada vez maior de indivíduos vai nascer, viver e se reproduzir nos meios urbanos e industriais” (George, 1973, p. 102). Também, liga-se a industrialização à agrarização: “As relações concretas entre campos e cidades são mais importantes que no passado, no sentido de que a urbanização acelerada intensificou os fluxos de produtos agrícolas” (George, S/D, p. 81). Por intermédio das transformações concretas (campo e cidade), faz-se uma completa mudança das concepções existenciais (rural e urbano) e, sobretudo, das ordenações socioeconômicas universais (agrário e industrial).

Em questão de movimentação no espaço-tempo, segundo Martins (1986, p. 27), tem-se que “a migração campo/cidade indica a existência de um elo no mercado de trabalho ou mercado ocupacional que se superpõe à distinção qualitativa de meio rural e meio urbano”. Disso, entende-se que a interligação entre campo-cidade é concreta no entrelaçamento rural-urbano, ao percurso de estar-no-campo e de estar-na-cidade serem terrenamente penetrantes pela circulação, em redes existenciais, que imbricam mundos – o mundo rural e o mundo urbano – na fusão ontológica do ser-no-campo e do ser-na-cidade. Aos fenômenos campo e cidade, há, na região-do-ser, “entre si uma relação de necessidade ditada pelas características diferenciais entre cidade e campo (meio urbano/meio rural) [...] se torna possível verificar características gerais do sistema social particularizam-se em cada uma dessas regiões” (Martins, 1986, p. 27). Consequentemente, o ser-da-região é interpenetrado na multiplicidade de seres, há uma ontologia regional de imbricação entre rural e urbano, em reflexo, refletido e refratário, que circula entre o ser e o ente para, ainda, circular entre ente-ser e ente-ser.

Há um pouco mais. Em fortuito atento: “As sociedades industriais são vítimas de suas obras, não apenas em seu ambiente imediato, mas em todo o conjunto de seu espaço vital – e, na medida em que este espaço vital adquire dimensões planetárias, em todo o planeta” (George, 1973, p. 100). À planetarização, esfera urbana de complexidade sincro-diacrônica em sistêmica-serial, adere um pensamento ambicioso que distancia moralmente o humano de projetos sociais para projetos socioeconômicos. Na circularidade da genealogia regional, coliga-se a própria história da introjeção dos fenômenos capitalistas em sua espacialidade.

Nessa trama, teorizou-se a configuração ontológica da genealogia regional pelos fenômenos geográficos em sua circularidade ente-ser-nada. Para tanto, a dialética e a fenomenologia foram trabalhadas em conjunto, respeitando-se cada particularidade

epistemológica, fazendo-as interpenetrarem-se, respectivamente, da circularidade dos fenômenos à circularidade entre os fenômenos: tanto entre totalidade e particularidade quanto entre totalidade e parcialidade. Desse intento, abre-se o mundo circuntécnico à configuração das dinâmicas de planetarização: pela industrialização-agrarialização e pela mundialização-globalização. Versam-se essas relações concebidas, portanto, às discussões e rediscussões pulsionando um pensamento circular à espiralização historiográfica das regiões.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista de configurar a ontologia da genealogia regional, estabeleceu-se a coligação entre a entosfera (esfera dos entes, Terra), a ontosfera (esfera dos seres, Mundo) e a nadosfera (esfera do nada, Universo) pelos fenômenos regionais do campo e da cidade (ônticos), do rural e do urbano (ontológicos) e do agrário e do industrial (nadológicos). Das realidades, campestre e citadina, abrem-se a fenomenologia dialética do ente-ser: campo-rural e cidade-urbano (dialéticas internas); e a dialética fenomenológica entre entes e seres: campo-cidade e rural-urbano (dialéticas externas). Disso, têm-se, ainda, as ruralidades e urbanidades, ontificando o rural e o urbano, a partir da nacidade: agrário e industrial. As interrelações ôntico-ontológicas são, tão logo, o movimento dialético dos fenômenos de fenomenologia integrados entre si. A historicidade adentra na circularidade enquanto abertura da existência geográfica situada em irradiações de espacialidade e de temporalidade.

Ademais, compreende-se o entremetimento trino do campo-rural-agrário e da cidade-urbano-industrial em circularidades que introjetam mudanças circulares dos fenômenos tramados. A agrarialização e a industrialização, processos capitalistas, transformam a regionalização ôntico-ontológica, sobretudo pela intensificação da planetarização e da globalização na capitalização do Mundo. Os sentidos de estar-no-campo/estar-na-cidade e ser-no-campo/ser-na-cidade transformam-se, pois, pelo imperativo do mundo circuntécnico situado na historicidade sincro-diacrônica em sistêmica-serial. Assim, o tempo geográfico, do existir (campo e cidade) para existência (rural e urbano), integra uma dinâmica nadológica pelas contradições (agrário e industrial), dinamizando a existência geográfica nos processos relacionais e contraditórios de geografização.

Projetou-se, ao fim, uma discussão que intencionou abrir a teoria ontológica adentro dos fenômenos geográficos de fundamentação regional em sua genealogia à propulsão

circular. É-se, portanto, um caminho imbricado entre a fenomenologia e a dialética, o qual ainda muito deve ser perscrutado. Espera-se, longe de fornecer uma teorização pronta, ao contrário, deseja-se a instigação de modo existencial das possibilidades e, ao mais, o convite ao pensamento crítico à discussão do rumo da humanidade pela geografia da história. O empenho deste trabalho estará legitimado na proporção das críticas plausíveis e na coragem de tentar resolvê-las.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. Sobre a cidade e o urbano em Henri Léfèbvre. **GEOUSP – Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, n. 31, p. 133-142, 2012.

ARGAN, G. **História da arte como História da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 288p.

CORRÊA, R. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986. 93p.

FRÉMONT, A. **A Região, Espaço Vivido**. Coimbra: Almedina, 1980. 275p.

GEORGE, P. **A ação do homem**. São Paulo: Difusão Europeia do livro, S/D.

GEORGE, P. **O meio ambiente**. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1973.

HAESBAERT, R. **Regional-global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 210p.

HARTSHORNE, R. **Propósitos e natureza da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1978. 203p.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. 600p.

HEIDEGGER, M. **Ontologia (Hermenêutica da facticidade)**. Petrópolis: Vozes, 2013. 136p.

KHALDUN, I. **Os prolegômenos ou Filosofia Social**. São Paulo: Safady, v. 1, 1958.

LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. 192p.

LEFEBVRE, H. **Marxismo: uma breve introdução**. Porto Alegre: L&PM, 2019. 128p.

LEFEBVRE, H. **O Direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. 146p.

LENCIONE, S. **Região e Geografia**. São Paulo: Ed. USP, 1999. 224p.

LOPES, J. Geografia existencial: entosfera, ontosfera e nadosfera. **Geografia**, Rio Claro, v. 46, n. 1, p. 1-22, 2021a.

LOPES, J. Tempo geográfico: um caleidoscópio da simultaneidade. **Geografar**, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 335-350, 2021b.

MARTINS, J. **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo: Hucitec, 1986. 224p.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia**. São Paulo: Contexto, 2007. 192p.

PIRES, F. O ser como o absoluto: Heidegger e a Fenomenologia do espírito. **Estudos de Religião**, v. 23, n. 36, p. 179-200, 2009.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994. 176p.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**: ensaio de Ontologia Fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2015. 832p.

SERPA, A. Ser lugar e ser território como experiências do ser-no-mundo: um exercício de existencialismo geográfico. **GEOUSP – Espaço e Tempo (Online)**, v. 21, n. 2, p. 586-600, 2017.

SILVA, J. **O que é questão agrária**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. 45p.

WASIAK, J. Ser-na-cidade: uma aproximação fenomenológica da experiência tecnológica. **Geograficidade**, v. 7, n. 1, p. 4-20, 2018.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 536p.

Recebido: 22.01.2023

Aceito: 23.12.2023